

18-03-2025

## Começos

**John Carlos Alves Ribeiro**

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

Tenho aprendido com o tempo que começos são importantes. Talvez por deixarem as marcas do esforço da largada, ou por serem o ponto de ruptura do imobilismo. Mas acontece que alguns supersticiosos, ao longo da história, propagaram a ideia de que o que começa mal, termina mal. Esses diriam que uma criança birrenta e malcriada, tende a não ser boa pessoa no futuro. Diriam também que uma relação que começou torta, com traições ou causando sofrimento a terceiros, tende a fracassar. Diriam ainda que, uma nação que surge da exploração inescrupulosa da natureza e da escravização do homem, está fadada a ser um palco de malezas insuperáveis. Talvez. Mas cabem reflexões. Como fujo das superstições e parto do princípio sartreano do fazer-se no mundo, vou por caminho diferente. Para Sartre "*a angústia é o reconhecimento de que as coisas têm o significado que lhes damos, que o sistema de significados através do qual definimos a cada momento a nossa situação é atribuído ao mundo por nós, e que, portanto, não podemos derivar deles a maneira de ser no mundo (isto é, en-soi). Assim, cada um de nós é responsável pelo mundo em que vive.*" (Danto, 1978, p. 62). Como não podemos nos livrar das responsabilidades sobre nossas próprias vidas, vivemos a partir delas. Vivemos como seres que estão no mundo, sendo o mundo o que é, por já fazermos parte dele, e nós, o que somos, por estarmos contidos nele. Essa fórmula que remete tanto à angústia, quanto ao engajamento, me interessa para seguir nesse texto. Sem olhar por meio de superstições, vejo começos apenas como eles são: oportunidades de escolha após escolha e, a partir das escolhas possíveis, seguir em frente me fazendo o que puder ser, até voltar a ser nada. Explico-me a partir de um exemplo. Ontem (dia 12-02-2025) meu time ganhou mais uma. O jogo contra o Santos de Neymar (ainda apagado e fora de forma) começou com o peixe melhor. Se conseguissem aproveitar as oportunidades que foram sendo criadas, o resultado poderia ter sido diferente. Mas o espetáculo era feito por mais pessoas. Dois times em campo, seus respectivos bancos de suplentes, equipes de técnicos e mais de 48 mil pessoas assistindo ao vivo. Um estádio vibrante como sempre em dias de jogos do Timão. Eis o cenário em que as escolhas individuais em campo impactaram o resultado. O engajamento no mundo, de cada um dos envolvidos, construiu o placar. Neymar, visivelmente longe do seu melhor condicionamento, tentou o que pôde, como pôde. Escolheu sair driblando, mas ainda sem a intensidade e criatividade costumeira. Resultado: duas bolas perdidas que culminaram em gols adversários. Pelo lado do Corinthians, Yuri Alberto, cria do Santos e que saiu de maneira não muito amigável, marcou os dois gols contra o ex-clubes. Na base era considerado uma das joias, recoberto de expectativas. Mas saiu para ser mais aproveitado e valorizado em outros clubes. Hoje no Timão, fez a diferença. O que dizer sobre começos, a partir do exemplo futebolístico? Se só o bom começo fosse suficiente, nem o Santos teria perdido ontem, nem o Yuri Alberto, que no Santos começou, teria sido o seu algoz. Mas podemos aprofundar ainda mais esse debate olhando para outro aspecto de nossas vidas, que fará ainda mais sentido com a fórmula de Sartre utilizada aqui.

Ontem também, no grupo do whatsapp do Dona Alzira surgiu um debate sobre Walter Salles. Ele é um grande cineasta e desde o nascimento já era bilionário. Ao longo de sua trajetória resolveu fazer arte à sua maneira, um cinema mais independente e com notável qualidade estética e fora dos grandes centros. "*Central do Brasil*" e "*Ainda estou aqui*" provaram o sucesso de sua escolha. Mas tais escolhas seriam possíveis caso não fosse bilionário? O convido a reflexão, caro leitor. Seguindo a perspectiva sartreana foi o seu engajamento no mundo que lhe colocou diante das escolhas possíveis para chegar onde chegou. Sem a fortuna da família não teria estudado cinema por onde estudou, não teria desenvolvido tal olhar estético e competência para as artes cinematográficas. Sendo assim, começos têm que ser analisados também com suas possibilidades originais. Quem começa uma vida, um relacionamento, uma carreira, começa a partir da bagagem que possui. Começa a partir de sua própria existência, sua própria subjetividade em interação com outras, ou seja, sua maneira de estar presente no universo humano, de estar sempre por fazer-se nesse universo; escolha após escolha dentro daquilo que se pode escolher. Digo isso para falar de um começo em específico, talvez o último exemplo dessa conversa, para não enfadar o amigo leitor. Comecei minha jornada intelectual sem muitas referências nem perspectivas. Estudava porque precisava de um emprego e renda que me tirassem da condição de classe que me recebera nesse mundo. Inocência a minha, claro. Todavia, logo entendi que necessitava de algo mais. De estudar também para me colocar de forma diferente nesse mundo. Eis a intersecção com o começo. Vim de escola pública. Sem acesso às artes, à música clássica, à literatura, ou o que fosse próprio da cultura erudita. Fui para os esportes, lá me dava melhor e, talvez, com alguma sorte, conquistaria algo. Esse começo marcou minha formação de nível básico. Quando chego no nível superior precisava dividir meu tempo de estudo com o trabalho. Trabalhava um turno, era bolsista em outro e fazia graduação no terceiro. Dormia 5 horas por noite. Aqui ainda não sobrava tempo para as artes, a literatura, a erudição. Não da maneira que eu já desejava. Fui para o mestrado, depois fiz concursos, me envolvi com trabalhos de gestão. Sempre com muita correria e intercorrências das muitas relações em que me envolvi (fracassei duas vezes em constituir uma família e tive muitos problemas por causa disso). Meus começos sempre conturbados e meio atropelados fizeram minha trajetória. Mas mesmo assim, sigo caminhando. Em decorrência desses começos, me incomoda até hoje minha falta de erudição. Ontem, especialmente, durante uma atividade do GEMultivisat, me bateu uma angústia não conhecer nenhuma das três músicas que tocaram, tampouco outras coisas das obras dos artistas apresentados. Tive que sair mais cedo da reunião por isso. Mas reconheço que essa situação faz parte da minha história, compõe minha trajetória, minha existência. Se fosse olhar pelo lado dos supersticiosos, poderia bater o martelo. O que começou mal, acabará fatalmente mal. Se não buscou erudição no passado, não a viverá em momento algum no futuro. Mas prefiro caminhar com Sartre, entendendo que sigo me fazendo nesse mundo. .... E o que passar diretamente por escolhas que possa fazer buscarei preencher lacunas e ampliar minha vida de sentidos. E fico também com a esperança dada pelo jogo de ontem. Maus começos também podem nos levar a momentos e resultados gloriosos. ■ ■ ■

Danto, Arthur C. *As idéias de Sartre. Mestres da Modernidade*. São Paulo: Editora Cotrix, 1978.

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.*

*A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*